

## Literatura Amazônica: estratégias educativas para a formação de leitores

Vânia Alvarez  
(in memoriam)<sup>1</sup>  
Joel CARDOSO<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo reflete sobre a importância do uso da Literatura Amazônica ou de Expressão Amazônica como estratégia essencial para a formação de leitores. Aponta questões metodológicas sobre o ensino da literatura, a leitura literária, a defesa da cultura amazônica, as experiências didáticas vitoriosas, o papel do educador na divulgação destas obras, o desconhecimento do nativo; a falta de acesso às publicações locais; a adoção de currículos regionalizados e contextualizados à vivência literária de alunos e de professores; a ampliação das habilidades de letramento e de domínio do vocabulário do dialeto nortista. A Literatura da Amazônia possibilita o acesso aos bens culturais regionais e aos debates interpretativos sobre identidade, além de uma vastidão de possibilidades que o texto literário oferece.

**Palavras-chave:** Literatura Amazônica; Projetos de Ensino; Cultura Regional; Tradição Local; Letramento Literário.

### Preâmbulo

Naquela manhã o vento  
nem ensinava pensamentos,  
dois cavalos-marinhos flutuavam,  
ofertando tristezas em troca  
de duas lágrimas.

.....  
Minha vó cuidou que aquilo  
não era cantos de passarinhos.  
Carregou-me no colo,  
fez sinal da cruz em mim  
com um ramo de alecrim,  
depois uma reza de algodão.  
Olhou que o sol parecia ainda  
assustado nos meus olhos.

Minha vó falou que era **quebranto**.  
Entoava a **bendição**, ungia o **enguiço**,  
minhas mãos fulguravam a candura,  
pela janela voava a voz da minha vó.

(Edmir Carvalho de Bezerra, “Candura” 10/01/2020)<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vânia Maria do Socorro Alvarez, ou, simplesmente, Vânia Alvarez, teóloga e jornalista, escritora e poeta, ensaísta e ativista cultural. Atuou, por mais de duas décadas, como professora de Literatura do Instituto de Letras e Comunicação da UFPA. Possuía mestrado em Estudos Literários e era especialista em Literatura Brasileira da Amazônia. Quando faleceu, estava finalizando o seu Doutorado pelo PPGL/UFPA. Publicou: *História e Memória em Aruanda e Banho de Cheiro*, *Deus sobre todas as coisas*, *Escre(vi)vências & Afetos*, *A Literatura Amazônica e a Cultura Regional, para além das salas de aula*, *Romanceiro da Floresta & das Águas*, *Ensaio: 30 Fotos de Elzinha x 30 Letras Minhas* entre outras obras. A publicação é uma homenagem póstuma à autora.

<sup>2</sup> Professor titular vinculado ao Instituto de Ciências da Arte, da UFPA, Belém. Pós-Doutor em Artes (UFF-RJ), Doutor em Literatura Brasileira (UNESP-SP) e Intersemiótica (Munique, Alemanha), Mestre em Teoria da Literatura (UFJF-MG), Especialista em Linguística Aplicada (Simonsen-RJ), Graduado em Letras e Pedagogia (USP-SP) e Direito (Inst. Vianna Jr.-MG).

Ao iniciarmos este texto com o poema de Edmir Bezerra, queremos reafirmar a importância de ler os escritores amazônicos. Os versos transmitem a ‘Candura’ da avó benzedeira e o navegar por um mistério de crenças e de fé. A Literatura Amazônica ou de Expressão Amazônica vale a pena, porque o leitor se identifica com ela em seus afetos mais íntimos.

Entendemos que trabalhar com Literatura na Amazônia, independentemente das abordagens tradicionais ou canônicas que se empreguem, para além da mera historiografia (sem dúvida, importante), pode, também, nos propiciar enveredar pela nossa literatura, a literatura da nossa região, da nossa gente. Os motivos para isso são muitos e, a nosso ver, óbvios. Trabalhando com autores que versem sobre o nosso cotidiano, a nossa cultura, os nossos costumes, nossa arte, com certeza, os alunos sentir-se-ão mais motivados. Trata-se de temas que pertencem ao dia a dia dos nossos discentes. Daí a importância de discutir a temática “Ensino de Literatura e leitura literária” em um momento no qual discursos em defesa da Cultura Amazônica são necessários.

Além dessas questões, há outra imperiosa e que trata da implantação urgente de um currículo regionalizado, que entenda a cultura como produção humana, abrangendo a diversidade, as diferenças, a identidade dos sujeitos e que responda às suas necessidades de ensino-aprendizagem. A Literatura da Amazônia ou de Expressão Amazônica abarca, como arte da palavra, o imaginário, os conteúdos, as representações, as histórias de vida, as narrativas e as mitopoéticas que “emanam de diferentes grupos sociais e/ou comunidades, sejam estas, camponesas, ribeirinhas, quilombolas, indígenas e cidadinas.” Esses currículos regionalizados estão assentados no “respeito às diversas culturas amazônicas e suas inter-relações no espaço e no tempo. Educação para a sustentabilidade ambiental, social e econômica e a interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem” (SEDUC-PA, 2018, p.15).<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Edmir Carvalho de Bezerra, poeta paraense, natural da cidade de Monte Alegre, no Pará. “O trabalho de Edmir Bezerra é uma gota de orvalho no chão estorricado, é um grito novo de liberdade, é um hino de amor e emoção para seus leitores. (ALVES, I., membro da APL). Autor de *Dizerudito - poemas*. Lançou o *Livro Leve a poesia que me (a) trai e Festa no trapiche*”, O “Caderno de Benjamim” entre outras publicações.  
In: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/edmircarvalho.html#bio>.

<sup>4</sup> GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO-PA. Documento curricular para a Educação Infantil e Ensino Fundamental do estado do Pará. Belém-PA, SEDUC/CEE, 2018.

## Fundamentando as experiências didáticas

O que acontecia na cabeça do pai, da mãe, da família toda quando a palavra Acre era pronunciada, ele não sabia. Mas quando uma semana depois arrumava suas coisas, seu material de desenho, a cabeça do menino despedia-se dos demônios, satanases e dos lobos. Aliás, índios nem tanto, mas para uma índio maio iara, meio aquela menina de tranças que sentava ao seu lado na escola, que sua cabeça começava a desenhar. Índios e florestas. Florestas e índios (MEDEIROS, 2009, p. 162).

Farias (2017) assinalou em seu artigo “Literatura Amazônica em sala de aula” que por diversos fatores a Amazônia tem sido esquecida e negligenciada. É papel dos educadores discutir maneiras de difundir essa literatura e facilitar o acesso às obras, em meio aos sujeitos locais. Em relação à Amazônia, temos muitos fatores: históricos, sociais e territoriais que nos forçam a vê-la como um lugar distante de outros, com riquezas exploradas por poucos e esquecidas pelos poderes públicos, concepção que aumenta mais a má impressão que os forasteiros têm desse lugar e conseqüentemente de sua gente. Inserimo-nos nesse contexto, fazemos parte inteiramente dele, e nos contrapomos àqueles que nos enxergam como um olhar voltado para o exótico.

Penso que nosso papel como educadores, é discutir a melhor maneira de fazer com que essas obras, sejam paraenses ou de expressão amazônica, se difundam em todos os quatro cantos do país, entretanto, o desconhecimento dos próprios moradores locais em relação às essas obras é gritante, que primordialmente, temos que percorrer caminhos que facilitem o acesso dessas obras aos sujeitos locais, pais, professores, alunos entre outros possíveis leitores (FARIAS, 2017, p. 241-242).

Nesse sentido, a pesquisadora Josebel Fares (2012) citada por Farias (2017), enumera alguns dos entraves para a adoção de obras de escritores de expressão amazônica em projetos escolares e culturais, ou em projetos de ensino: o desconhecimento dos próprios moradores locais acerca dessas obras e desses escritores; “a ausência de investimentos e de apoio das autoridades, um mínimo reduzido de editoras locais, a falta de apoio aos escritores; “o desconhecimento e o desprestígio da literatura amazônica, tanto em nível regional quanto em nível nacional, e a certeza da qualidade estética dessa produção feita de grandes autores, de grandes obras e da necessidade de valorização (FARIAS, 2017, p. 242). Em seguida, a professora critica a quase inexistência de projetos que utilizem a Literatura Amazônica como proposta de trabalho didático, em escolas amazônicas, tanto na cidade quanto na zona rural.

Ao se trabalhar em um projeto dessa dimensão, a escolha da obra é de fundamental importância, e, de acordo com isso, ao optarmos pela literatura amazônica, estamos coerentes com o objetivo aqui proposto, pois, como profissionais, sabemos de nossa obrigação em cumprirmos um currículo já escolhido por outros, entretanto, há a necessidade de ampliarmos nosso horizonte fortalecendo assim, esse trabalho, haja vista, que não existe em nosso currículo atual, propostas de trabalhos com essa literatura (FARIAS, 2017, p. 244).

Trabalhar com a Literatura da Amazônia tem suas vantagens: o universo ficcional pode possibilitar ao leitor que se identifique com a obra, por meio de imagens mentais e da experiência de vida do próprio aluno-leitor. O leitor investe no texto a partir de sua experiência de mundo e da literatura e se afigura o universo ficcional com imagens que lhe são próprias, ao mesmo tempo a incompletude do texto suscita no leitor uma forte atividade inferencial: inferências lógicas, resultantes do sistema linguístico, inferências pragmáticas que convocam os saberes enciclopédicos “ambas são automáticas – e abduções que requerem relações cujos resultados permanecem marcados pela incerteza. São essas últimas que oferecem a possibilidade de ricos debates interpretativos em classe” (ROUXEL, 2013, p. 25).

Cristiane Farias (2017) propõe de imediato um trabalho didático, com alunos do 3º ano do EM, em turma formada por jovens oriundos da zona rural do estado do Pará, vindos para a capital com o objetivo de terminar o EF e continuar seus estudos. A professora oferece aos alunos a leitura da crônica/conto “Banho de Cheiro”, de Eneida (1903-1971). Depois da leitura e da reflexão sobre o texto, ela sugere um roteiro de trabalho: os alunos deveriam falar sobre as impressões iniciais sobre a autora e sua obra; os posicionamentos em relação ao local da narrativa; as vivências dos leitores sobre o ‘banho de cheiro’ descrito no texto; sobre as lembranças dos leitores, motivadas pelo texto; a percepção do lugar e o cruzamento das lembranças da autora e dos alunos; e, culturalmente, como se vive hoje essas tradições locais.

O trabalho pedagógico tem imensa validade. Porém, seria interessante que a experiência fosse ampliada para estudar a obra de outros escritores amazônicos, tais como, Dalcídio Jurandir, Marcio Souza, Antonio Juraci Siqueira, Paulo Nunes, Haroldo Maranhão, Bruno de Menezes, Milton Hatoum, Abguar Bastos, Max Martins, Lindanor Celina, Celso de Alencar, Maria Lúcia Medeiros, Andersen Medeiros, Daniel da Rocha Leite, Paes Loureiro e tantos outros.

O resultado do projeto, segundo a pesquisadora, foi esplêndido: um trabalho com arte literária tem que levar em conta a incompletude e a necessidade de continuidade; cada projeto deve ser visto como uma pequena parcela diante de uma vastidão de possibilidades que o próprio texto literário oferecerá tanto ao professor, quanto aos alunos; possibilitar ao aluno que vá além de suas análises e interpretações habituais e o professor deve sempre estimular a

busca por outras leituras; deve mostrar que a leitura de um texto da literatura amazônica fará o leitor dialogar com suas lembranças familiares, com os diferenciados contextos sociais, possibilitando a intimidade entre autor/leitor por meio da obra literária; a contribuição de cada aluno leitor deve ser valorizada pelo professor, que deverá estimular outras leituras em novos projetos de ensino e em futuras oficinas de mediação de leitura.

Assim, torna-se importante ampliar as discussões e a inserção de textos de Literatura Amazônica em espaços formais de ensino. Como não apreciar esses temas, quando se tem nas mãos a “*Antologia de Contos*”, de Maria Lúcia Medeiros, no qual se lê o conto “Macuxi” (2009, p.161 a 163), e que serviu de epígrafe a esta seção? No conto, um menino-leitor (que também era desenhador) é obrigado a deslocar-se de sua ‘vila’ no interior e seguir com a família em busca de trabalho, de alimentação e de sobrevivência. E o menino deixa para trás aquela indiazinha de tranças que sentava ao seu lado na escola e vai viver esses deslocamentos. E seus sonhos e amores irão com ele - onde ele for.<sup>5</sup>

Constatamos ainda que a nossa Literatura Amazônica pode servir como importante tema catalisador de habilidades de letramento do aluno desde à educação básica (até o nível superior), tendo em vista que agrega características linguísticas que remetem às especificidades contextuais em que opera. Assim, há de ser um recurso de natureza estilístico-semântico responsável por ajudar no desempenho crítico e reflexivo dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula ou nas bibliotecas e salas de leitura.

Nesse sentido, adotar obras e escritores regionais em projetos de leitura parece estar de acordo com o conceito de letramento literário de Rildo Cosson (2014), ao sustentar a ideia de que o texto literário em sala de aula age como instrumento promissor para o desenvolvimento de habilidades psicolinguísticas dos sujeitos envolvidos, estando, portanto, afinado com o conceito de regionalidade: “A regionalidade é aquilo que sintetiza as peculiaridades de uma dada comunidade linguística, a partir de uma concepção psicológica e cultural”. Logo, é “tudo aquilo que traz a marca do regional, mesmo sem regionalismo” (POZENATO, 1974, p. 19).

Dessa visibilidade surge a questão do imaginário, um ato da consciência como modo de perceber o mundo que está ao seu redor, o ambiente de convívio, que é assim transposto da mente do autor para o papel, e nos faz identificar na literatura a representação do vivido, reconhecendo nas histórias lidas situações vividas, reais, imaginadas e a força do repensar sobre nós mesmos. Os textos escolhidos devem ser pensados a partir das vivências dos alunos

---

<sup>5</sup> MEDEIROS, M.L. *Antologia de Contos*. Belém: Editora Amazônia. 2009. Essa antologia traz outros contos muito conhecidos de Lucinha ou Maria Lúcia Medeiros, entre eles: “Velas.Por quem?”, “Zeus ou a Menina de Óculos”, “Chuvas e Trovoadas” – dentre outros.

e dos professores; em que as propostas variadas de práticas de leitura sejam desenvolvidas objetivando mediar, junto ao aluno e ao professor, uma percepção de como o texto age sobre o leitor; e se pensa no aluno-leitor como um sujeito que dialoga com o texto, que cria seu próprio sentido diante do texto lido.

- **Sumano**, anota as tuas metas e **pindura** num prego bem na **ilharga** da porta.
- Mesmo que teus objetivos estejam pra lá de Bagdá, mas **égua mano**, dá uma carreira, vai **aperriando** que tu alcanças. Mas corre **pequeno!!**
- **Té doidé, Borimbora** pegar o beco mano, mas não fica avexado e não alopras, vai só **na maciota**.
- Tu lembrás que pra ficar **buiado**, cheio da **bufunfa**, **estribado**...tens que trabalhar e não ficar só na **murrinha**, senão vais ficar **mufino** e **despombalecido**.
- Só te digo: cuida dos **gitinhos** e dos teus barrigudinhos e dá bastante açá com farinha e peixe frito para eles, pois **papa chibé** tem que ser **parrudo**.
- Não joga **pissica** para os outros senão tu ficas **panema**.
- Axi, Tens que deixar de ser **alesado**, senão tu vais levar o farelo!
- Tens que ver que não adianta ficar de **pavulagem** quando estás bem, senão quando estiveres mal das pernas, e tu que levas o farelo.
- Égua mano! Te sai das **pipiras** e das **varejeiras** que vão te **abicorar**. Mas tens que ser um paraense **di rocha...** e agradecer a proteção do Pai. Neste momento, vou bem ali...Porque o Ano vai ser PAI D'ÉGUA!!! (facebook, autor anônimo, 02/01/2020)

O texto citado, embora de autor desconhecido, identifica alguns dos falares e dialetos da nossa gente e podem ser compartilhados e, em sala de aula, analisados por alunos e professores das diversas regiões do nosso estado. Obviamente que a literatura regional pode referendar esse universo cultural e linguístico.<sup>6</sup>

Deste modo, a leitura só fará sentido a partir das experiências de vida (inclusive a experiência de linguagem), com leitores atribuindo ao que foi lido a função de fonte de reconstrução do olhar do aluno sobre o texto literário. O literário deve despertar a sensibilidade crítica do aluno para a multiplicidade de sentidos e, desse modo, dar significação à própria vida. Há necessidade de ampliar o espaço da leitura do texto literário no contexto escolar, porque as obras literárias constituem-se como estratégias pedagógicas para a formação ética e social e proporcionam ao sujeito-leitor, a possibilidade de reavaliar as diferentes visões de mundo.

---

<sup>6</sup>Na Amazônia (Região Norte) existe um dialeto regional registrado pelos linguistas, embora este ainda não seja reconhecido oficialmente pelo país. O dialeto nortista (Amazofonia) é uma das variações geolinguísticas da língua portuguesa na América, que devido à história peculiar da Amazônia possui uma composição própria em razão da forte influência indígena, portuguesa e nordestina. Essa convergência histórica contribui para a existência de uma infinidade de termos e expressões amplamente difundidos pela região, que demarcam a identidade amazônica e a unidade histórica e cultural. Os dialetos regionais, em especial o dialeto amazônico, não são oficialmente reconhecidos pelo estado brasileiro, que durante a história tentou de todas as formas combater as variações linguísticas no país. A imposição de uma fala "correta" pelo poder central e pela mídia nacional contribui, ainda hoje, para fomentar alguns preconceitos linguísticos. Mas esse esforço para acabar definitivamente com os regionalismos não foi tão bem-sucedido e os dialetos regionais ainda existem. (<https://noticias.universia.com.br/ciencia-tecnologia/noticia/2005/09/16/462336/dialeto-do-norte.html>).

É na troca de experiências que, de fato, ocorre a interação entre textos e leitores. Contudo, a Escola parece não estimular essa função interativa. Logo, o primeiro passo para se oferecer uma literatura assim considerada contextualizada é a valorização da literatura regional, pois sabemos que todo livro é rico e engloba em si a sabedoria de quem escreveu, mas cabe aos professores facilitarem o entendimento e o acesso do aluno a esse cosmo literário regional, contextualizando esta literatura à realidade de quem está lendo a obra literária.

#### **Natal Ribeirinho**

Natal com ceia, presentes e árvore enfeitada de luzes, não havia. Sabia da existência do Papai Noel através dos livros e das histórias contadas por minha mãe e acreditava que ele andava de trenó e distribuía presentes para as crianças, descendo pelas chaminés das casas de pedra. Via isso nos livros, mas não **atinava** direito. Eu, **pirralho** ribeirinho, que só conhecia palafitas de pau e palha com fogão à lenha. Ainda assim, acreditava piamente que as árvores de natal produziam, em vez de laranjas, mangas e goiabas, carrinhos, bolas, piões e bonecas... E ficava de olho comprido, sonhando em ter, um dia, uma dessas árvores no quintal de casa...<sup>7</sup>

Como expressa Landowski (2005, p. 11), mais do que pensar, o ser humano é condenado a atribuir sentidos a tudo, a dar sentido à vida, a reconstruir e ressignificar o mundo ao nosso redor, a partir do nosso cotidiano, das nossas vivências. Atribuir sentidos ao mundo, que se apresenta como significantes; é atribuir sentido às nossas experiências, ao nosso modo de ser e estar no mundo: seja na situação de produtores de escrituras, seja na condição de leitores, buscando compreender o que o outro quer nos revelar.

Mara Vasconcelos (2017) escreveu e publicou o artigo “Escritores da Amazônia nas escolas públicas de Breves: questionamentos e reflexões”, a partir do incômodo que sentiu com a ausência das aulas de Literatura no Ensino Médio e, em especial, a pesquisadora constatou que “nada ou quase nada, se aprende sobre os escritores da Região Amazônica”. Vasconcelos (2017) iniciou sua pesquisa por meio de uma incursão no livro didático adotado nas três séries do nível estudado, nas escolas da cidade de Breves, no Pará.

A estudiosa baseou-se na ideia de que a formação escolar deve possibilitar o acesso aos bens culturais locais e a obra literária apresentada aos alunos deve referendar a realidade vivida por estes. É papel da escola proporcionar ao aluno através da Literatura, vínculos culturais em situações nas quais o aluno se reconheça. Há na Literatura Amazônica a possibilidade de o aluno experimentar um alto grau de pertencimento.

---

<sup>7</sup> SIQUEIRA, A. J. *Acontecências – crônicas da vida simples*. Belém, Edições Papa-Chibé, 2018.

Os pressupostos [da pesquisa] estão em Vera Teixeira de Aguiar (2000, p.16), para quem “a formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra”. Para a estudiosa, “Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito” (AGUIAR, 2000, p. 16). Também há respaldo em Rildo Cosson, para quem, “na leitura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos” (COSSON, 2014, p.17 *apud* VASCONCELOS, 2017, p. 68). (...) O estudo de obras literárias de autores da região amazônica permite ao aluno conhecer melhor, entender a história de sua região, seus costumes e crenças e tornar-se mais responsável pela sua comunidade, por meio dos laços culturais [com os quais se identifiquem]. Isto será possível se considerarmos que os autores amazônicos, na maioria das vezes, retratam elementos da realidade circundante do aluno-leitor. (VASCONCELOS, 2017, p. 68)

(...)

A partir da leitura de textos literários que contemplam sua região como matéria ficcional, o aluno pode se tornar mais crítico em relação ao mundo em que vive, questionando a realidade circundante e não aceitando passivamente tudo o que lhe é imposto através das mídias. Marta Passos Pinheiro (2006, p.7), em análise das práticas de leitura de textos literários, observou que “os alunos não devem identificar-se passivamente com os personagens, mas ficar emocionados com os textos poéticos, tornando-se indivíduos mais sensíveis”. A literatura deve ser utilizada com o objetivo de orientar os indivíduos e “as leituras realizadas pelos alunos, fora da sala de aula apresentam, em geral, um alto grau de dependência em relação às práticas de leitura escolares” (PINHEIRO, 2006, p.7 *apud* VASCONCELOS, 2017, p. 69)

A Literatura é o modo do escritor de ressignificar o mundo pela sua experiência, engajado no esforço de partilhar o vivido, de fazer ver o que o outro, o leitor, não viu ou experimentou. Vasconcelos (2017) afirma que:

Ao levar textos literários de autores da região amazônica para o contexto de sala de aula, o professor pode despertar nos alunos o sentimento de responsabilidade com a comunidade escolar e social, principalmente local. (...) O contato com autores de expressão amazônica podem desenvolver no aluno a “quota de humanidade”, tornando-o aberto para os problemas de sua sociedade e de seus semelhantes; (VASCONCELOS, 2017, p. 69).

(...)

Na escola a literatura tem função pedagogizante, não somente por suas características particulares como períodos históricos, vocabulário diferenciado, etc., mas também devido ao meio na qual está inserida. Na escola, sobretudo nas aulas de literatura, deve ser considerado o fato de que cada leitor já possui conhecimentos prévios e experiência de leitura e vida, seja ela escolar ou social. (...) Há certa resistência em ler e estudar, principalmente, a Literatura Amazônica na escola, tanto por parte dos discentes como por parte dos docentes. (...) Tais resistências podem também estar ligadas ao fato do aluno no ensino médio possuir pouca experiência de leitura, talvez herança do nível fundamental, e também ao fato da seleção de obras escolhidas pelo professor para serem trabalhadas não levar em consideração o público-leitor e sua identidade. O professor também necessita aumentar seu repertório de leituras. (VASCONCELOS, 2017, p. 70 e 71).

(...)

Ao defender a necessidade de se estudar obras de autores de nossa região, não estamos desmerecendo os autores canônicos de nossa literatura. Acreditamos na importância do estudo de suas obras, contudo, estes autores não devem ser os únicos objetos de ensino na escola. A instituição e o docente devem colocar à disposição do aluno os mais variados autores e textos, cabendo o ele escolher o que melhor lhe convém ler. (...) O professor, quando tem interesse em trabalhar autores de



expressão amazônica, tem que retirar uma parte de seu salário para montar seu acervo pessoal. A internet, que deveria ser uma aliada, nesse caso, pouco ajuda, visto que além da conectividade na nossa região não ser boa, os textos desses autores não são disponibilizados em domínio público, dificultando assim o acesso dos professores a esse material. (...) Os livros didáticos adotados pela escola não contemplam obras de autores amazônicos. Essa é uma necessidade histórica e uma carência recorrente em nossa realidade regional. (...) No que se refere à importância do estudo destes autores para a formação do leitor, um dos docentes entrevistados afirmou que o trabalho com autores amazônicos aproxima o aluno do seu contexto, pois, num mundo globalizado, em que tudo fica muito homogeneizado, padronizado, em que o global tende a suplantar o local, é necessário que não percamos a nossa identidade, nossas raízes. Essa é a grande contribuição que os autores amazônicos podem oferecer não apenas na formação do aluno, mas também do professor (VASCONCELOS, 2017, p.77).

Dessa pesquisa, apreendemos que o ensino de Literatura da Amazônia tem papel fundamental na formação do leitor, mas trata-se de uma proposta que enfrenta inúmeros entraves. Através do texto literário, o leitor tem acesso aos mais variados lugares, culturas, línguas, costumes etc., podendo, a partir dessas incontáveis possibilidades próximas (ou não) da sua realidade, identificar-se com o que está lendo e, dando asas à imaginação, relacionar com o contexto em que está inserido. Mas a não adoção de leituras, que sejam instrumento de libertação, faz parte do perfil de uma escola brasileira conservadora, que de alguma forma sempre trabalhou mais pela exclusão, do que pelo desenvolvimento do espírito crítico. Por esse viés, talvez, possamos explicar a ausência de textos literários amazônicos em nossas escolas. A nossa intenção é formar um sujeito leitor, que se reconheça nesses textos e que passe a conhecer a cultura amazônica, em outra perspectiva, para além do processo colonizador europeu.

**alegria ribeirinha**  
(apagando a tristeza)

migalhas do corpo santo  
quase invisíveis  
derramam-se no chão da capela  
finda-se o tempo das patenas douradas  
foi o homem envelhecer  
mastigar sua velhice  
meditando os olhos nos carros de bois  
no vendedor de carvão  
no vendedor de pamonhas  
que ao longe parece a mula sem cabeça  
.....  
lá longe  
a procissão de santos e mártires  
Joana, Maria, Rosa, Judith, Odaléia,

Fátima, Marina, Mariquinha, Pantoja  
possuem auréolas da orquestra desafinada  
dos carapanãs  
a beata mandona desafia os (desa)finados  
chora mais estridente  
pelas almas pescadas no tempo da ceifa do  
rio  
entoando o lamento de Jesus deprimido  
"ai dé ti ó Betsaida, ai dé ti ó coroozain  
eu já fiz muitos prodígios  
mas não acreditartes em mim"

no interior das casas de barro  
candeeiros derramam luzes encardidas  
sobre Jesuzinhos nas redes adormecidos  
o perfume é de querosene  
.....  
(Edmir Bezerra)

A fala poética de Edmir Bezerra<sup>8</sup> espelha a vida de muitos habitantes da região amazônica: o envelhecer rápido devido às lidas diárias; os vendedores ambulantes que lutam pela sobrevivência; o rio, fonte de toda a vida; o mito do boto; a pobreza e a faina contra a miséria; as frutas regionais, riqueza do caboclo ribeirinho; as procissões que revestem esse imaginário de profunda religiosidade; a falta da energia elétrica; a faina do pescador diante da natureza que o consome cotidianamente – são algumas imagens do poema “alegria ribeirinha”, com as quais o leitor local poderá se identificar.

Nesse sentido, se há um sujeito que, ao mesmo tempo em que narra o vivido e o experimentado, estabelece juízos de valor, inserindo-se nas linhas e entrelinhas pelas escolhas que faz, este sujeito edificará nesses gestos um modo de se fazer presença, inclusive, na vida real.

O livro *O Carro dos Milagres*, de Benedicto Monteiro (1924-2008) é uma coletânea de narrativas publicada em 1975, durante os anos de chumbo (Ditadura Militar), de censura à cultura escrita. Premiada pela Academia Paraense de Letras, a coletânea contém relatos de um caboclo que vem da brenha das matas amazônicas contar suas histórias, memórias, culturas e saberes. Das sete narrativas, é importante focar aquela que contém o mesmo título do livro: *O Carro dos Milagres*. Ainda que inserida num livro de contos, a primeira narrativa – *O Carro dos Milagres* – enquadra-se na categoria de novela, porque o enredo dela não trata de um único assunto, mas sim de vários e com muitos personagens; além disso, cabe-lhe o patamar de novela e pelo fato de ter menor extensão do que o romance. (...) A novela *O Carro dos Milagres* apresenta a experiência do caboclo Miguel dos Santos Prazeres no Círio de Nazaré em Belém/PA. Primeiramente, nota-se o diálogo entre dois caboclos (Personagem-narrador e o Compadre) que vieram acompanhar o Círio, sendo que Miguel tem o interesse de pagar uma promessa que a sua mãe fez a Nossa Senhora de Nazaré do Retiro (ou do Desterro) quando o rapaz encontrava-se em situação de perigo com sua canoa nas águas do Marajó. A mãe velha prometera a Santa que se seu filho fosse resguardado do temporal ele haveria de levar um barco a vela de miriti durante a procissão. O personagem-narrador (Miguel) descreve, de forma maravilhosa, os detalhes da procissão que está assistindo pela primeira vez, volta-se ao passado de suas lembranças para contar suas sagas de canoeiro no Igarapé da Mata do Catauari com o Compadre, um amigo que o acompanha no Círio e numa beberagem com cachaça de Abaeté, enquanto aguardam no nascer do dia a saída do Círio no Largo da Sé. Depois de muitos goles de bebida, os dois caboclos resolvem seguir a procissão, sendo que Miguel tinha o objetivo de achar o Carro dos Milagres e depositar a sua promessa (o barco a vela). Miguel avista o Carro, descreve a lenda portuguesa contida na iconografia do Carro (o milagre de Nossa Senhora de Nazaré a Dom Fuas Roupinho no século XII). Mas o caboclo encontra inúmeras dificuldades para pagar sua promessa: primeiro perde o companheiro de cachaça, o compadre; depois esbarra com o barquinho num balão de gás que dispersa a promessa no meio dos romeiros. Miguel, bêbado e perdido na multidão, acaba chegando à Basílica-Santuário de Nazaré. Ali o caboclo fica maravilhado com as impressões artísticas da Igreja e nela se deixa estar até as altas da madrugada. Ao chegar na garagem, Miguel, com uma vela na mão, encontra o Carro dos Milagres e se detém olhando as promessas contidas na barca. E é exatamente aí que a história se complica: O rapaz é surpreendido por beatas que, maliciosamente, o acusam de incendiário e de ladrão. Já raia um novo dia e elas chamam o padre e a polícia para

<sup>8</sup> <http://www.jornaldepoesia.jor.br/edmircarvalho1.html#alegria>, acessado em 13/06/2020.

deter o suposto meliante. O caboclo é levado preso para a delegacia e ali descreve a presença dos detentos de vários lugares do país e do exterior e as minúcias horríveis daquele cárcere.<sup>9</sup>

O resumo da novela *O Carro dos Milagres*, de Benedicto Monteiro, tem, aqui, tão somente a intenção de despertar a curiosidade do leitor acerca de um tema que lhe é bastante peculiar: o Círio de Nazaré. Todavia, a realidade literária mostra o "outro lado" da festa religiosa. E o leitor poderá se posicionar diante da infinidade de temas universais que o texto vai suscitar: injustiça, morte, ingenuidade, alcoolismo, caboclismo.

Considera-se, nesse sentido, que a realidade da leitura literária deve estimular o leitor a inferir, a preencher as entrelinhas e atingir um nível de crítica no ato de ler; além de analisar o lugar que as obras regionais ocupam nos contextos de leitura da sociedade.

### Considerações finais

Muito poderia ainda ser dito a respeito do ensino da Literatura da Amazônia nas escolas das cidades ribeirinhas e na zona rural da Região Norte. E não falamos da Literatura Indígena que possui as suas peculiaridades. Não nos referimos à escrita pós-colonial como perspectiva de descolonização cultural, uma vez que “a escrita literária é reflexo da sociedade à qual pertence, sendo um aparato no qual vislumbramos os aspectos sociais, culturais e identitários que nos levam a identificar o local de fala do escritor.” (NEVES & ALMEIDA, 2013, p. 63). Não falamos da Literatura Oral da Amazônia, de suas lendas e mitos e sua aplicabilidade no ambiente escolar como incentivo à produção oral e escrita. Mas não podemos esquecer que a dificuldade de acesso às obras de escritores amazônicos pode ser resolvida (em parte) pelo professor (se este for leitor), em cujas atividades deveriam incluir-se no papel de mediador de leituras. Para tanto, o docente pode elaborar seu próprio material didático ou uma antologia para reunir informações sobre escritores e alguns textos para conhecimento e leitura dos seus alunos.

Já existem algumas belíssimas antologias que os docentes podem ter acesso e usar em seus projetos de ensino da literatura.<sup>10</sup> É importante programar feiras de cultura, semanas da

<sup>9</sup><http://lfeioleiturablogspot.com/2012/05/carro-dos-milagres-de-benedicto.html?m=1>

<sup>10</sup> Citamos como ilustração: a Antologia “*Poesia do Grão-Pará*” (Olga Savary- Org., 2001); “*A Lira da Minha Terra. Poetas antigos de Contemporâneos*” (Clóvis Meira –Org.1993); a “*Antologia Poética de Adalcinda*” (Clóvis Meira – Org.,1995); Os “*Poemas Reunidos de Max Martins – 1951-2001*” (Benedito Nunes, 2001); a “*Antologia de Contos de Maria Lúcia Medeiros*” (José Arthur Bogéa – Org., 2009); A coleção “*Pará de Todos os Versos , de todas as Prosas*” (Elias Pinto – Curador, 2012); “*Antologia da Poesia Paraense, v.1*” (Giroto

leitura e do livro na escola e convidar escritores para apresentarem seus projetos de criação individuais: esse pode ser um excelente trabalho didático. Cabe mostrar aos alunos, a possibilidade dos diálogos intersemióticos entre Literatura e Cinema, Literatura e Artes Plásticas, Literatura e Fotografia, só para citar algumas experiências didáticas enriquecedoras.

Da leitura das experiências didáticas citadas nesse artigo, constatamos que o ensino de Literatura da Amazônia ou de Expressão Amazônica permite ao leitor o acesso à pluralidade da cultura regional, aos dialetos, aos costumes da gente do Norte, podendo, a partir desse contato, identificar-se com o que está lendo e relacionar-se com a comunidade em que vive. É preciso adotar leituras que sejam instrumento de libertação e que contribuam para o desenvolvimento do espírito crítico. A ausência de textos literários amazônicos em nossas escolas tem a intenção de não formar um sujeito leitor, que se reconheça nesses textos e que passe a entender a cultura amazônica, em outra perspectiva, que não a do europeu colonizador.

Consideramos, nesse sentido, que a realidade da leitura literária deve estimular o leitor a inferir, a preencher as entrelinhas e atingir um nível de crítica no ato de ler; além de analisar o lugar que as obras regionais devem ocupar nos contextos de leitura da sociedade. É necessária a contribuição do leitor-professor para a difusão da cultura regional, enquanto processo voltado para o ensino e para a formação de leitores. É imperioso, ainda, pensar uma literatura regional que não só acompanhe o sujeito-leitor no ambiente escolar, mas esteja presente na sociedade na qual ele circula, interpretando sua identidade e compreendendo sua própria cultura.

## REFERÊNCIAS

- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FARIAS, C. S. G. *Literatura Amazônica em sala de aula*. XXI Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNFL, v. XXI, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2017.
- FARES, J.A. “O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola”. in: Revista *Cocar*. Belém, vol. 7, n.13, p. 82-90/ jan-jul 2013.
- LANDOWSKI, E. *Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido*. São Paulo: Galaxia Online, n. 27, p. 10-20, jun. 2014.
- MEDEIROS, M.L. *Antologia de Contos*. Belém: Editora Amazônia, 2009.
- NEVES, C.R.; ALMEIDA, A.C. *A escrita literária pós-colonial como uma perspectiva de descolonização cultural*. Revista de Letras Dom Alberto, v.1, n.3, p. 62-72, jan./jul, 2013.

---

Brito – Org., 2020) e os sete livros do “Anuário da Poesia Paraense” (Airton Souza – Org., 2015 a 2021) são algumas publicações que podem auxiliar o professor a criar suas próprias antologias.

POZENATO, J. C. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, Instituto Universal do Livro, 1974.

ROUXEL, A. “Aspectos metodológicos do ensino da literatura”. In: \_\_\_\_\_. *Leitura de literatura da escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

VASCONCELOS, M. S. A. *Escritores da Amazônia nas escolas públicas de Breves: questionamentos e reflexões*. Revista Eletrônica Falas Breves, v.4, UFPA, Campus do Marajó, Breves: maio/2017.

#### **AMAZON LITERATURE: educational strategies for the formation of readers**

**Abstract:** This article reflects on the importance of using Amazonian Literature or Amazonian Expression as an essential strategy for educating readers. It points out methodological questions about the teaching of literature, literary reading, the defense of the Amazonian culture, the victorious didactic experiences, the role of the educator in the dissemination of these works, the lack of knowledge of the native; lack of access to local publications; the adoption of regionalized and contextualized curricula to the literary experience of students and teachers; the expansion of literacy skills and mastery of vocabulary in the northern dialect. Amazonian Literature provides access to regional cultural assets and interpretive debates about identity, in addition to the vastness of possibilities that literary texts offer.

**keywords:** Amazonian Literature; Teaching Projects; Regional Culture; Local Tradition; Literary Literacy.

**Recebido em 10 de fevereiro de 2023**  
**Aprovado em 23 de março 2023**  
**Publicado em 12 de junho de 2023**